

A CRIAÇÃO E DESTRUÇÃO DO HOMEM: LAVOURA ARCAICA

Beatriz Balter Sanches

Aluna do Curso de Letras da UCP

Raduan Nassar nasceu na cidade de Pindorama, interior de São Paulo, em 1935. É descendente de imigrantes sírio-libaneses. Suas obras são: o romance *Lavoura Arcaica* (1975); a novela *Um copo de cólera* (1978) e a coletânea de contos *Menina a Caminho* (1997). Foi escritor bissexto e nos fins da década de 70 desaparece do circuito literário num auto-exílio, sem explicações, tornando-se fazendeiro, como por ironia, no interior de São Paulo.

O livro *Lavoura Arcaica* foi adaptado para o cinema sob a direção de Luís Fernando de Carvalho; a obra possui 197 páginas e é introduzida por um trecho de poema de Jorge de Lima:

“Que culpa teremos nós dessa planta da infância,
de sua sedução, de seu viço, de sua constância?”

Sob a ótica cristã da expulsão do Paraíso e do aparecimento do pecado desenvolve-se a narrativa densa, caracterizada pelo pessimismo do homem por se saber aquém de um destino perfeito, tragédia construída por suas próprias mãos.

Não é coincidência a citação de Jorge de Lima (junto a Murilo Mendes), convertido ao catolicismo, passa a utilizar a simbologia cristã com uma conotação determinista e negativista. Note-se que Jorge de Lima iniciou sua fase cristã de poesia com o livro *Tempo e Eternidade* em 1935 no ano do nascimento de Raduan Nassar.

Esta “**novela**”, assim designada por Alceu Amoroso Lima (grande pensador católico), narra a história de André, que aparece logo no início da trama sendo resgatado pelo irmão Pedro para que volte para a família, por se encontrar distante dela, não apenas fisicamente, mas acima de tudo, separado do sentido ancestral a que ela remete. André é um ser banido daquela pequena sociedade porque não aceitou seus valores, mais que isso, transgrediu-os insolentemente. A trama está dividida em duas partes: 1ª: *A Partida* (p 7- 142), 2ª: *O Retorno* (p 145 - 194). O autor apresenta o sentimento do jovem, que é uma mistura de culpa e incompreensão daqueles valores familiares como um torpor horrendo, marcado por lembranças, dilacerado pelo uso do sexo de maneira destrutiva. Mas, ainda não é permitido ao leitor chegar à gênese dos fatos que ocasionaram o presente. Pedro usa todas as formas de convencimento para que o irmão regresse à casa paterna.

André é um jovem nascido no interior, cuja infância foi passada em uma fazenda, sob as duras regras morais de uma família de imigrantes sírios. Numa longa e penosa rememoração dos fatos que ocorreram até agora, o rapaz resolve então, voltar com o irmão. Essas lembranças são relacionadas à terra e às pessoas da terra, daí o atavismo que prende o homem ao barro que é a sua essência humana. Então, ele é recebido pela família que tenta enxergá-lo como antes, porém, ela espera que ele se adapte ao mesmo padrão moral rígido que o fez fugir, abandonando um mundo ao qual não se adaptava, isso não acontece, e, aqueles mesmos problemas reaparecem de forma avassaladora, desencadeando-se então uma série de acontecimentos que culminam com o patriarca assassinando a irmã de André, Ana, e com isso todo o mundo familiar, idealizado através de gerações, vem a ruir.

O conflito principal é o incesto praticado por André com sua irmã, que espelha a parte sensível da situação, porém de uma forma mais universal, pode-se dizer que esse incesto reflete o dilema do homem entre seu lado instintivo e seu lado racional (o primeiro representando o natural e o segundo o que a tradição dos séculos ensinou como racional, influenciado pelas religiões), do homem que se rebela contra a imposição de leis; esse conflito particular desdobra-se apoiado pelo conflito universal e essa dicotomia revela o desequilíbrio entre o viver as paixões desmedidamente, quase de maneira selvagem, regido apenas pelos instintos, mostrando um ser sem objetivos, a não ser viver a vida natural ou viver sob o domínio da razão congelada através dos séculos, com receitas pré experimentadas e consolidadas pelo modelo religioso.

A obra retrata o sentimento do homem dividido entre o Bem e o Mal, entre o pecado e a virtude, numa atitude neobarroca, quando o período sócio-político no Brasil gerava um outro tipo de literatura menos universal, mais politizada e engajada.

O livro é narrado em primeira pessoa, transformando-se o jovem André em personagem-narrador e protagonista. Pode-se dizer que o antagonista do livro é o mesmo André porque ele não entende a sua natureza e aparentemente elege como antagonista o mundo e as relações sócio-religiosas como se assim houvesse alguém que pudesse expurgar os seus pecados. Nota-se que algumas vezes o protagonista expõe suas falas marcadas por aspas, indicando a compreensão de um outro eu que narra a si mesmo, como se fossem seres apartados. André é o centro do livro, de quem se irradiam os fatos que iriam desagregar a família, considerada apenas um grupo mantido coeso graças à força e ao poder do pai, em sua parte visível, e a Deus (tradição) em sua parte sensível. A Trindade Cristã (metafísica) é transferida para o mundo real, nas pessoas do avô, do pai e do filho que é o próprio Pedro; se fosse possível definir o romance através de uma forma geométrica, poder-se-ia dizer que ela seria a de um losango, dividido ao meio, formando dois triângulos que representariam as mesmas coordenadas em planos diferentes, um o plano universal (ditado pela religião) e o outro, um plano real (ditado pelo mundo natural).

O ambiente da infância e adolescência de André é o do interior, rural; no intervalo, durante sua peregrinação fora de casa, ele vai passando de cidade em cidade, até ser encontrado pelo irmão que o leva de volta à fazenda de sua família. Percebe-se que o campo é o lugar onde o homem poderia viver em paz, caso se submetesse à herança cultural, por direito e por dever. A cidade no caso, seria o lugar onde tudo seria permitido, em suma, um lugar decadente.

A narrativa é feita em *flash-back*, até o regresso de André, trazido pelo irmão, como se fosse um círculo fechado de onde não se pode sair. Daí em diante a narrativa transcorre em tempo presente.

Na primeira parte o livro é marcado pelo uso do discurso indireto, revelando o psicológico, e na segunda parte aparece o discurso direto, desencadeando a sucessão dos fatos. O discurso indireto livre também é muito utilizado pelo autor, principalmente quando relembra e analisa os acontecimentos que envolvem seu clã.

O texto é altamente figurativo (as descrições e a ligação atávica à terra) e ao mesmo tempo temático (com as inserções do psicológico, do abstrato e religioso).

A linguagem usada é correta sem ser rebuscada, é, também crua e rascante; proporcionando uma força descritiva que beira o surrealismo com a instrumentalização da palavra para quebrar o sentido de tempo e de espaço; o autor constrói a trama com períodos

extremamente longos, como que para não perder a ânsia de tornar válidas as idéias e argumentos do personagem principal para se desembaraçar do erro que cometeu.

Para construir os pensamentos e idéias do personagem principal foram utilizadas metáforas, antropomorfizações, de semelhança com as construções simbolistas e surrealistas.

“...não era acaso um sono provisório este segundo sono, ter minha cabeça coroada de borboletas, larvas gordas me saindo pelo umbigo, minha testa fria coberta de insetos, minha boca inerte beijando escaravelhos?” (p 70)

“...um translúcido hálito azul...” (p 142)

Nos capítulos 5 e 30 observa-se a descrição idêntica de uma festa de família; a primeira foi a ocasião em que André viu sua irmã transformar-se, de menina que era em uma “cigana” de dança sensual; na segunda, o mesmo cenário mostra Ana dançando, ainda como cigana, mas vestindo peças e maquiagem que André recolhera de prostitutas e guardara como troféus de sua decadência. Este relato, idêntico nos dois capítulos, representa a roda fechada da vida, de onde não se pode escapar, e, que, se repete infinitamente, numa espécie de determinismo vindo do princípio dos tempos pelo pecado.

A narrativa em prosa poética induz o leitor a mergulhar no mundo quase que psicodélico, cheio de visões e alucinações, no qual se misturam as coisas do real que são transformadas em intensas metáforas e as coisas do imaginário influenciadas por toda a carga ancestral.

“Novela trágica, [...] numa atmosfera bem brasileira, mas dominada por um sopro universal da tradição clássica mediterrânea. Drama tenebroso, em estilo incisivo, nunca palavroso ou decorativo, da eterna luta entre a liberdade e a tradição, sob a égide do tempo. Livro impressionante, magistral.” (Alceu Amoroso Lima) contra-capá de *Lavoura Arcaica*

“...alguns trechos são verdadeiros poemas em prosa,....., pois *Lavoura Arcaica* é um texto musical, composto como uma sinfonia, cada capítulo correspondendo a um movimento”
Leyla Perrone – Moisés. *Caderno de Literatura Brasileira* - Instituto Moreira Sales n 2 set 1996

“...chama a atenção para a “atopia” de *Lavoura Arcaica* em meio à literatura da época pelo fato de ele romper tanto com o naturalismo do romance-reportagem, quanto com as narrativas “cidadinas”, no que se convencionou chamar de literatura pós-moderna.
Sedlmayer (op.cit. Thayse Leal Lima)

Trata-se de um livro original, cujo tema pode ser resumido ao eterno dilema do homem em relação à sua natureza dividida entre o instintivo e o racional. O personagem Pedro, usando de sua liberdade, transgride as regras familiares, herdadas dos ancestrais. A colocação deste dilema sugere a que fazia o homem do barroco, no contraste luz-sombra, céu-inferno. As relações que o autor faz com os textos sagrados (Bíblia e Corão) transferem para a realidade as situações de caráter universal, como por exemplo: a expulsão do paraíso (a fuga de casa); Pedro pode ser imaginado como Adão e sua irmã Ana como Eva, ela, que irmã de Adão, o levou ao pecado, e à expulsão do paraíso.

A trindade representada por André, seu pai e seu avô, a volta do mesmo André (a volta do filho pródigo).

A fuga do campo também demonstra a evasão dos camponeses para as cidades como se nelas houvesse mais liberdade e menos dever de se obedecer às regras ancestrais, concebendo-se então outra dicotomia: campo-cidade

É reiterado sempre o caráter anormal de André, que vivia sempre afastado, tinha “olhos enfermiços”, ele assume que “traz o diabo no corpo” e se crê contaminado pelo espírito do mundo, numa divisão interior que o leva a propor que se sua irmã o recebesse como amante ele cuidaria da fazenda e poderiam ser felizes, pois na sua concepção eram a mesma carne, sua qualidade de irmãos seria um reforçador dessa possibilidade de serem felizes, puramente felizes sem nada que os regesse que não fosse a própria Natureza.

Bibliografia:

Amoroso Lima, Alceu ,in contracapa de Lavoura Arcaica Companhia das Letras, 3ª ed. 2009

Cereja, William Roberto e Thereza Cochar Magalhães Literatura Brasileira Atual Editora 3ª ed. 2005

Lima, Thayse Leal Tese doutorado (ver mais dados)

Nassar, Raduan Lavoura Arcaica Companhia das Letras, 3ª ed. 2009

Perrone-Moisés, Leyla Caderno de Literatura Brasileira – Instituto Moreira Sales número 2 setembro 1996